

FH critica perversidade da política

■ Presidente diz que clima de “irresponsabilidade coletiva” separa governo da sociedade

DORA KRAMER

PARIS — O presidente Fernando Henrique Cardoso classificou ontem como “intrinsecamente perversa” a situação política no Brasil que, segundo ele, “cria uma irresponsabilidade coletiva” que busca passar a idéia de que o “governo é uma coisa e a sociedade outra”. O presidente disse isso durante reunião, no Palácio de Marigny, com empresários brasileiros que cobravam dele uma política mais protecionista para o comércio exterior e uma solução para os juros altos.

Fernando Henrique lembrou que em situações anteriores já havia dito que a taxa de juros no Brasil é “escorchante” e que ele ainda acha que a situação permanece. “Precisamos sem dúvida lutar para termos patamares mais aceitáveis”, afirmou o presidente, ressaltando que essa constatação é óbvia e insuficiente. “É preciso ver porque os juros estão altos e se há condições objetivas para baixá-los”, disse.

O presidente assegurou que o governo faz a sua parte no combate ao déficit público, “segurando tudo na boca do caixa”, mas lembrou que as responsabilidades devem ser divididas e “a luta, conjunta”. Nesse momento, ficou bem claro que ele se referia ao Congresso, pois disse que medidas efetivas dependem da aprovação das reformas constitucionais.

Ironia — Segundo Fernando Henrique, se a situação do país não é melhor não é por causa da “perversidade intrínseca dos economistas, essa classe tão bondosa”, disse, ironizando. Em seguida, deixou a ironia de lado e falou sério quando referiu-se à verdadeira “perversidade intrínseca da nossa situação política”.

Essa situação criou, na opinião do presidente, espaço para que os atores da cena política exerçam o que chamou de “irresponsabilidade coletiva”, que dá a impressão de que o governo não faz porque não quer. “Ora, o governo não produz dinheiro e, quando produz, arrasa a sociedade com a inflação”, afirmou.

Para Fernando Henrique, o controle da inflação tornou mais visíveis os problemas do país. “Quando o cobertor é curto, o corpo sente o frio, no pé ou na cabeça”, comparou. Um empresário então sugeriu da plateia: “E por que não reduzir o corpo?”, numa referência evidente ao tamanho do Estado. Fernando Henrique respondeu: “Isso eu não sei nem posso fazer sozinho, preciso da ajuda dos senhores para fazer e com anestesia.”



Fernando Henrique cumprimenta o primeiro-ministro francês Alain Juppé antes do jantar no Hotel Matignon que encerrou o terceiro dia de sua viagem a Paris

Paris/AP